



Seis anos após atentado, Renata volta a sorrir

Ela teve a boca destroçada por tiros de bandido vestido de Papai Noel e concluiu tratamento no dia 7

Carlos Marchi

Foram anos de tratamento para reconstruir a boca da publicitária Renata Guimarães Archilla. Sete operações depois, ela guarda pequenas seqüelas do atentado sofrido em 17 de dezembro de 2001. Estava num sinal do Brooklin, zona sul, quando um atirador vestido de Papai Noel fez quatro disparos de balas dundum, explosivas - dois acertaram sua boca e o outro, o pulso esquerdo. No dia 7, aos 28 anos, Renata finalmente pôde sorrir sem medo, ao deixar o consultório do dentista Laércio Vasconcelos.

Foi a última etapa da dor, algo que Renata conhece desde cedo. Menina, seu sonho era conhecer o pai, Renato Archilla, que nunca quis vê-la e negou a paternidade, reconhecida pela Justiça. Aos 16, viu a mãe, a ex-modelo Iara, de 36, morrer de câncer. Aos 22, sofreu o atentado que incrustou uma bala no seu pescoço, a milímetros da coluna.

Acusado pelos disparos, o policial militar José Benedito da Silva foi condenado duas vezes - a última em julho de 2006, a 13 anos e 4 meses de prisão. Para o promotor Roberto Tardelli, o crime foi encomendado pelo avô paterno de Renata, Nicolau Archilla Galan, para evitar o pagamento de pensão à jovem. Nicolau e o filho alegam inocência.

A última etapa do tratamento de Renata começou em fevereiro do ano passado, quando a empresária Rosângela Lyra leu no Estado sobre seu drama. Ela chorou. Depois, pediu ao marido, especialista requisitado em implantes, que tratasse Renata sem cobrar. Vasconcelos iniciou as sessões ainda naquele mês. Renata suportou bem a fase pior. Mas agora, com o rosto refeito, chora toda vez que fala da reconstrução.

A primeira fase foi a colocação de enxertos ósseos. A segunda, cinco meses depois, consistiu em nove implantes. Mais cinco meses e foram colocadas próteses, modeladas a partir dos três dentes que restaram. Os implantes foram doados pela empresa sueca Exopro e as próteses, feitas de graça por Carla Giannini. Uma equipe multidisciplinar trabalhou no caso por 1 ano e 10 meses.

"O que mais me tocou foi que ela, tão jovem, já tivesse tanto sofrimento", diz Rosângela, sogra do jogador Kaká. Se fosse pagar, Renata desembolsaria de R\$ 50 mil a R\$ 60 mil, embora Vasconcelos se recuse a calcular custos: "Nestes trabalhos, a gente nunca faz isso."

Desde o crime, Renata, funcionária da Agência Click, está de licença. Em fevereiro, fará perícia e torce para ser liberada. Aconselhada por policiais, foi morar com o marido, Renato, em outro Estado. Agora, quer voltar a São Paulo. A Click diz que seu lugar está reservado.